

Estudo do MEC mostra deficiências do ensino

Alunos do 1º grau das escolas públicas não dominam o português nem a matemática

JOAQUIM DE CARVALHO

No Brasil, dizer que a escola pública de 1º grau é fraca não constitui novidade. O que não se sabia até agora é o tamanho dessa deficiência. Uma pesquisa nacional que acaba de ser concluída — encomendada à Fundação Carlos Chagas pelo Ministério da Educação (MEC) — mostra que a escola pública está pior do que se imaginava. Boa parte dos alunos da 7ª série, por exemplo, é semi-analfabeta e possui pequena ou nenhuma noção de conceitos elementares de matemática e ciências.

"O ensino público está uma vergonha", fulmina o professor Heraldo Marelím Vianna, coordenador do trabalho "Avaliação do Rendimento dos Alunos das Escolas de 1º Grau da Rede

Pública". Essa pesquisa, que começou em 87, avaliou, por meio de questionários e de uma redação, 27.455 alunos de 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries de 238 escolas públicas de 69 cidades localizadas em todos os estados brasileiros.

A Fundação Carlos Chagas preparou três questionários — um de matemática, um de língua portuguesa e um de ciências — com 30 perguntas cada um. As questões, redigidas de maneira tão simples quanto as de uma prova normal, reuniam os pontos principais do programa mínimo de cada série. Nenhum dos alunos pesquisados conseguiu acertar todas as perguntas.

A pesquisa mostrou que, à medida que aumenta a escolaridade, cai o número de acertos dos alunos. Na segunda fase da consulta, quando foram examinados 8.069 estudantes de 20 cidades do interior do Brasil, os alunos da 1ª série tiveram média de 20,42 (a nota máxima era 30) em Português. Já os estudantes que cursavam a 7ª ficaram com

a média de 12,81. "O rendimento do aluno cai à medida que seu desempenho começa a depender mais da escola do que das lições recebidas em casa", analisa Vianna.

Quando foram avaliados alunos do Estado de São Paulo, na terceira fase da pesquisa, a expectativa de que a média crescesse não se confirmou. "Em São Paulo, o nível dos alunos está tão baixo quanto no Nordeste", conta ele.

O levantamento mostrou que pouquíssimos alunos da 7ª série sabem grafar corretamente, usar a pontuação adequada e colocar os acentos nos lugares certos. O que mais chamou a atenção na pesquisa foi a falta de sentido em muitas frases. "Muitos alunos não sabem se comunicar pela linguagem escrita", afirma. Entre os erros mais comuns, há o de alunos que escrevem "mim" no lugar de "me" ou "eu". Um dos estudantes avaliados redigiu, por exemplo, "mim diverti bastante". Outro escreveu: "Me veio na idéia de pensá aonde eles estava".

Em matemática, as aberrações são equivalentes. Há crianças na 3ª série capazes de somar três mais dois e chegar ao resultado de seis. "Na 5ª série, há alunos que ainda não aprenderam a fazer divisões", espanta-se o pesquisador. Para ele, a causa da deterioração da escola é o "estado de abandono" em que se encontra o ensino público fundamental. "Faltam equipamentos nas escolas e bons professores."

Outra avaliação confirma o resultado da pesquisa da Fundação Carlos Chagas. A Academia de Ciências do Estado de São Paulo está com dificuldades em selecionar alunos da escola pública para a final da Olimpíada de Matemática — um concurso que promove anualmente para premiar os estudantes de 1º grau que tiverem, melhor desempenho na disciplina. A maior parte das delegacias de ensino da Grande São Paulo não conseguiu selecionar seis alunos da região para a prova do dia 25. A única exigência que a academia fazia para a seleção era nota mínima de quatro numa prova com pontuação de zero a dez.

Ensino em baixa

A Fundação Carlos Chagas avaliou 8.069 alunos de 20 cidades do interior de dez Estados, através de 30 perguntas básicas de português, matemática e ciências. As respostas mostraram que o conhecimento dos estudantes diminui nas séries mais avançadas

